

## POR QUE SOU GORDA, MAMÃE?, DE CÍNTIA MOSCOVICH: A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR

Patrícia Chiganer Lilenbaum  
(UVA)

O autor, durante muito tempo, teve a máscara do narrador para proteger a sua vida da sua obra. Sua *persona* dentro da obra não deveria ser confundida com a pessoa em si, que poderia passear pelas ruas da realidade. Brás Cubas narrava suas memórias póstumas diretamente da tumba, enquanto Machado de Assis escrevia em uma escrivaniinha no bairro do Cosme Velho. Como bem sabemos, essa suposta proteção está cada vez mais sendo abandonada, vista como não desejada. Os autores estão mais ousados, mais corajosos, mais confessionais... Ou será que as escritas pessoais, autobiográficas, são apenas mais um perspicaz jogo de escrita e não um desvelamento?

É essa a pergunta que fazemos ao ler o último livro de Cíntia Moscovich, *Por que sou gorda, mamãe?* (Rio de Janeiro: Record, 256 páginas, 2006). Pergunta nossa que é devolvida com a pergunta-título: é o narrador-personagem que indaga? Ou seria a própria autora? Podemos ainda nos perguntar essas questões, ou nós, estudiosos da literatura, não podemos mais cometer a ingenuidade de confundir autor e narrador?

As obras da autora gaúcha apresentam títulos mais, digamos, poéticos e misteriosos: *Anotações durante o incêndio* (2001), *O reino das cebolas* (2002), *Arquitetura do arco-íris* (2004), *Duas iguais* (2004). O título do seu livro mais recente, no entanto, tem dois referenciais muito claros e concretos, a neurose do peso e a figura materna, o que já causa uma risada e aponta o caminho do humor para a resposta a essa pergunta.

Cíntia parece lidar com o seu arquivo de vida, assumindo a vida real como caminho para a criação literária. Não importa que certas informações da narradora e da autora coincidam: a partir de fatos reais não tão alterados assim, escrevê-los, pura e simplesmente, já os torna outra coisa, diferente da vida. “Usar-me como matéria de ficção”, diz a autora no prólogo, quando estabelece um pacto com seu

leitor e o convida a acompanhar a nova etapa de sua vida: a escritura do livro e os intermináveis regimes – reais ou imaginários?

Entre a ficção e a realidade, acompanhamos a trajetória da narradora, que nos conta, ou conta à mãe, em tom de diário, o esforço para emagrecer 22 quilos, ou “cento e dez tabletes de manteiga, ou quarenta e quatro espetos de picanha”. É uma espécie de saga da escritora, que de um motivo aparentemente banal – a preocupação com o peso – extrai um belo relato da própria busca de identidade, seja em almoços familiares espetaculares ou em dietas e exercícios desgastantes.

Cíntia tem um longo percurso pela frente: o trabalho de resgatar e investigar a memória e dar a ela um sentido que impulsiona essa jornada. “Trato de purificar a memória em invenção”, diz a autora no prólogo, para mais adiante admitir que “a memória é traição: tanto subtrai quanto acrescenta, tanto rasga quanto emenda”. A memória é, então, também uma criação. Revisitando o passado com a consciência de que a memória pode pregar peças, a escritora parte em busca de uma resposta mais satisfatória do que a que encontra inicialmente: “sou gorda porque como e porque minha conformação genética quer assim”.

Se come e se tem tal conformação genética, é porque o judaísmo assim a produziu. Ou a mãe, que, afinal de contas, é na tradição judaica quem define se a criança é ou não judia – nascido de ventre judeu, judeu é. É a mãe, afinal, que prepara os almoços generosos para as crianças em fase de crescimento, pois “numa mesa feliz não se contam os bifés”. A escritora carrega no seu DNA séculos de perseguição e fome nos miseráveis *shtetls* europeus, pequenos e isolados vilarejos judaicos que desapareceram do mapa com a Segunda Guerra. A associação entre comida e bem-estar, na cultura judaica, passa a ser obrigatória – por que passar mais fome do que já se passou? Como não se alimentar da mesa farta se seu antepassado comia sopa rala num campo de concentração? É um pecado.

A escritora é, por vezes, irônica para diminuir um pouco tamanha dramaticidade: “verdade seja dita: o Povo Escolhido padece da vaidade do sofrimento”. Porém, a crítica nunca é destituída de carinho. A acidez de um comentário é sempre alternada com uma encantadora lembrança; a escritora assume a sua mitologia familiar e milenar como base de sua identidade, fazendo da vivência do judaísmo – e da comida abundante – a sua área de busca.

Assim, no fundo, a pergunta *por que sou gorda, mamãe?* acaba por ser *quem sou eu, mamãe?* A genética da gordura e do judaísmo – e os dois estão irremediavelmente misturados – tinge as páginas do livro de um colorido às vezes alegre, às vezes triste. Apesar do título aparentemente cômico, o que lemos não é uma obra irresponsavelmente engraçada: o humor é usado como uma maneira de suavizar a dor e a melancolia do excesso de peso, das culpas, das angústias afetivas, das perdas familiares irreparáveis.

A mãe é a interlocutora silenciosa – segundo Freud, a suposta culpada de todos os males da humanidade. Longe de eleger a mãe como grande responsável por todos os problemas, a escritora parece querer passar a vida a limpo, em um acerto de contas consigo mesmo e suas indagações para poder seguir adiante. A mãe não oferece a resposta, mas a acompanha como uma sombra, como a ouvinte íntima que desperta sentimentos contraditórios, de amor, de mágoa, de pena.

A delicadeza com que a autora vai tecendo sua tapeçaria se revela no tom sempre poético que acompanha as histórias, que funcionam como um retrato do imaginário de um povo inteiro. A autora mastiga o passado para digeri-lo, e somos nós que nos fartamos e engordamos com a generosidade de sua prosa; tocantes sem pieguice, as histórias resgatadas do fundo do baú são sempre deliciosas: as peripécias do bisavô Yossef, que se recusou a servir na guarda do czar e fugiu para o Brasil; a paixão frustrada de juventude de sua Vovó Magra (pois havia a Vovó Gorda) pelo tocador de rabeca Boris Zimbalist; o contrabando de *beigalech*, *strudel* e outras delícias da culinária judaica pela mesma Vovó, chocada com o regime da neta – uma blasfêmia para uma imigrante que já passou fome; a destruição do Ford Farlaine, carro que era o orgulho do pai, na tentativa de transportar as fartíssimas tias, que ainda por cima carregavam fedorentos arenques defumados; a vizinha sobrevivente do Holocausto, traumatizada, que vivia num *bunker* doméstico, com as janelas fechadas por tijolos e o maior estoque de alimentos da vizinhança; a revolta e a ira contra Deus de Vovó Gorda ao enterrar o filho, pai da escritora.

As histórias ficam sempre entre a realidade e a fantasia, entre a tristeza e o riso, como exemplos do aspecto tragicômico da vida, principalmente da condição diaspórica dos judeus – é desses que Cíntia fala, talvez para esses –, pequena escorregadela etnocêntrica de minha parte, difícil de não ocorrer frente a palavras como “gosto dos

ditados judaicos, mamãe. As máximas de nossa gente são páginas de sarcasmo escritas com a pena áspera da lucidez”. A escritora se debruça sobre sua herança judaica e tenta descobrir a parte que lhe cabe, o que a formou, a parte que deseja manter e perpetuar.

É pela palavra que se chega à resposta desejada pela narradora, pela escrita da literatura, uma tentativa de tocar “no imundo subterrâneo da existência”, embora “literatura seja só literatura”, “essa coisa que deve parecer verdadeira, mesmo que seja fruto de ilusionismo e prestidigitação”. A mãe não lhe reservou nenhuma palavra de incentivo para tal carreira, visto que essa não produz uma única gota de suor. Mas a mágoa se mistura à ternura e à compreensão das razões e neuroses maternas. Há o perdão e a serenidade da constatação de que todos sempre possuem a necessidade de perdoar e serem perdoados – e o placar zera.

Qual é então a resposta final? *Por que sou gorda, mamãe?*

Bem, se a mãe fosse eu, eu diria: para poder escrever esse belo livro, minha filha. Ou, como você mesmo disse, “os livros estão todos inacabados, porque lhes falta resposta”.

#### REFERÊNCIA

MOSCOVICH, Cíntia. *Por que sou gorda, mamãe?* Rio de Janeiro: Record, 2006. 256p.